

A lógica da depuração em *Estrella distante*: implicações éticas e estéticas

Clara Bomfim

O livro é bastante marcante na carreira de Bolaño por trazer de forma concentrada o tema que se provaria central para o escritor chileno: a relação entre ética e estética.

Antônio Xerxenesky sobre *Estrella distante*, Jornal do Brasil, em 07/11/09.

Introdução

O romance *Estrella distante* do chileno Roberto Bolaño, lançado em 1996, é o que chamamos de *spin-off*, termo em inglês usado como sinônimo de derivação; nesse caso, um romance derivado de outro, ou melhor, das últimas vinte páginas do curioso “porta-retratos” de escritores latino-americanos fictícios desenhado por Bolaño em *La literatura nazi em América*, livro no qual o escritor traça relações entre a literatura supostamente produzida na América e o regime nazi-fascista.

No capítulo dedicado ao personagem chamado Ramirez Hoffman, Bolaño traça um perfil e narra as controversas peripécias deste poeta e também assassino, que ousadamente “desenhava” poemas com fumaça nos céus chilenos. O que vemos em *Estrella distante* é então um aprofundamento do perfil do poeta, chamado inicialmente de Alberto Ruiz-Tagle e depois Carlos Wieder, bem como uma narração mais desenvolvida dos acontecimentos apresentados em *La literatura nazi em América*.

Há aqui o narrador, que pode ser entendido como um tipo de alter-ego de Bolaño, que transita em oficinas de literatura do Chile de Allende onde circulam jovens poetas, ou seja, o futuro da poesia chilena; entre eles, um misterioso e, na visão do narrador, não muito talentoso Alberto Ruiz-Tagle. Após o golpe militar, na prisão, o narrador testemunha a manifestação poética aérea de um tenente chamado Carlos Wieder, identificado depois como o próprio Ruiz-Tagle, poeta e também assassino, como vem a descobrir o narrador. Essa personagem concentra o mistério e o suspense estrutural do romance, o que dá ao mesmo uma característica policialesca, uma das inúmeras possibilidades de classificação desta obra de Bolaño.

No entanto, o que buscamos discutir neste trabalho é a relação entre ética e estética apresentada pela obra, principalmente por meio da figura deste personagem poeta-assassino, assim como as implicações políticas resultantes desta apresentação. A intenção aqui é mostrar a lógica da depuração proposta pela obra por meio da sua personagem central, uma depuração baseada na violência, na destruição e na morte – violência relacionada ao contexto bipolítico da sociedade contemporânea e no estado de exceção que se tornou regra.

A banalização da violência e o Estado de exceção como regra na contemporaneidade

Tomamos como ponto de partida da discussão a apresentação do conceito de biopolítica de Foucault. Usado pelo filósofo para se referir às relações de poder a partir do século XIX, o termo pode ser definido como a política que passa a ser centrada na vida, na individualidade do ser humano, e não mais no poder soberano e disciplinador da Revolução Francesa; surge assim um novo direito do Estado, o de “fazer viver e deixar morrer”, em contraposição ao anterior direito de “fazer morrer e deixar viver”. Daí se falar também em um biopoder, ou poder total, que seria o poder do Estado de administrar a vida e controlar o corpo.

O que há de contraditório nesse novo direito é que, na teoria, o poder do Estado e suas intervenções políticas devem servir para proteger a vida da população, mas, na prática, como essa proteção está baseada nos ideais de pureza e de ordem, ao mesmo tempo em que se protege a vida de uns, se autoriza a morte de outros.

Assim, de acordo com Susel Rosa, doutora em História pela UNICAMP,

[...] a violência não diminui, mas se dissemina pelo corpo social e político. É uma violência depuradora que garante a vida de parte da população[...]. Nesse sentido, a política é vivenciada como violência, onde a vida humana pode ser descartada e assassinada por atos administrativos sem que se cometa qualquer crime [...] (ROSA, 2006).

Vimos então destruído o sentido da política defendido por Hanna Arendt, que seria a defesa da vida em seu sentido mais amplo. Para Arendt, essa banalização da violência e sua tênue relação com o poder é uma característica da modernidade:

Somente na era moderna a convicção de que o homem só conhece aquilo que ele mesmo faz, de que suas capacidades supostamente superiores dependem da fabricação e de que ele é, portanto, basicamente um *homo faber* e não um *animal rationale*, trouxe à baila as implicações muito mais antigas da violência em que se baseiam todas as interpretações da esfera dos negócios humanos como a esfera da fabricação. (ARENDR, 2004)

Foram o contexto biopolítico do século XX e a conseqüente banalização da violência que possibilitaram a firmação do atual estado de exceção como regra. Retomando uma proposição feita por Walter Benjamin, o filósofo italiano Giorgio Agamben afirma que o Estado em que se vive deixa de ser exceção para se tornar regra geral; ou seja, o estado de exceção, proposto durante a Revolução Francesa como a suspensão da lei com o objetivo de defesa da própria lei, figura na contemporaneidade como regra.

As reações do mundo político pós-guerra são o reflexo desse fato: democracias parlamentares que se tornaram Estados totalitários, e logo Estados totalitários que voltam a ser democracias parlamentares quase sem soluções não caracterizam a democracia em si, de acordo com Agamben, senão um trânsito de poder numa sociedade em que a política já não tem o mesmo sentido. Para ele, “as distinções

políticas tradicionais (como aquelas entre direita e esquerda, liberalismo e totalitarismo, privado e público) perdem sua clareza e sua inteligibilidade, entrando em uma zona de indeterminação”. (AGAMBEN, 2004)

Podemos perceber então, de fato, que o Estado de exceção é um vazio de direito, vazio no qual situações de racismo e discriminações em geral são exercidas livremente, em nome da “moral” e dos “bons costumes”, da “ordem” e “pureza” estabelecidos na contemporaneidade, vazio de direito que não só permite como incita a violência depuradora, onde não há distinção entre ditadura e democracia.

A lógica da depuração

Vejam agora como Bolaño constrói a lógica da depuração da arte e também da sociedade contemporânea em *Estrella distante*. Já citamos aqui a personagem central do romance: Alberto Ruiz-Tagle/Carlos Wieder, o poeta-assassino. É nesse jogo de duplos que está o fio condutor da história e da tentativa da obra de representar a depuração da arte contemporânea. A problemática mais interessante estabelecida pelo romance é então a ligação entre a literatura (a arte) e o terror político.

Ao retratar, ainda que ficcionalmente, o momento inicial e os piores momentos da ditadura chilena, e sim porque o faz ficcionalmente, amplificando e distorcendo os fatos, Bolaño atravessa as fronteiras além das que estão entre países e continentes, as fronteiras entre o real e o não real, ou do real reconstruído literariamente.

O filósofo francês Alain Badiou utiliza o termo “lógica da depuração” para falar do ato de destruição artístico que tenta captar a identidade do real por meio do seu desmascaramento, que tende ao nada ou à morte como único modo de liberdade pura; para ele, no século XX essa lógica da depuração só se tornou dominante pela presença da destruição como sinal primeiramente político, em um século “arrebatado pela paixão do real”. (BADIOU, 2005)

O que diz Badiou se conecta de alguma maneira com a obra, ao refletir sobre a criação e a destruição da arte; uma obra que, segundo entendemos, funciona como reflexão estética e política sobre a lógica da depuração da arte contemporânea.

Partindo para o romance em si, a primeira identidade assumida pelo personagem central é a de Alberto Ruiz-Tagle, uma clara referência ao então presidente do Chile no ano em que o romance foi escrito, 1996. Está claro na escolha do sobrenome do personagem a crítica à continuidade de um regime político em outro que, a princípio, aparece historicamente para contestá-lo; no caso, a democracia que surge no lugar da ditadura nos anos 90 no Chile. Reconhecemos assim pontos de contato entre a obra e a já citada tese de Agamben do Estado de exceção como regra, onde não vemos limites definidos entre democracia e ditadura. A doutora em língua e literatura hispânica María Luisa Fischer afirma que “*En Ruiz-Tagle/Wieder se reúnen la abyección con el arte; la barbarie y los actos civilizados, en esa conjunción que tanto inquietó a Walter Benjamin y George Steiner*”. (FISCHER, 2008)

Quando ainda Alberto Ruiz-Tagle, Wieder prometeu, ao assassinar as irmãs Garmendia (representantes maiores da poesia pré-ditadura, na visão do narrador), revolucionar a poesia chilena, afirmando que estava “*a punto de concluir algo*

*nuevo[...]*está a punto de nacer la nueva poesía chilena”. Esta nova poesia estava associada à destruição e conseqüente superação da anterior, representada no romance pelo assassinato das irmãs poetas.

Em seus últimos dois atos artísticos como Wieder, o personagem contraria a “tradição vanguardista” de associação entre literatura e vida ao aproximar-se definitivamente da morte. Ao juntar as frases soltas escritas pelo poeta no céu de Santiago nas páginas 89, 90 e 91, nos deparamos com o seguinte texto:

La muerte es amistad

La muerte es Chile

La muerte es responsabilidad

La muerte es amor

La muerte es crecimiento

La muerte es comunión

La muerte es limpieza

La muerte es mi corazón

Toma mi corazón

Carlos Wieder

La muerte es resurrección

(BOLAÑO, 1996)

Wieder, como ato final, monta uma exposição em seu apartamento de fotos de pessoas torturadas e assassinadas por ele mesmo em nome da ditadura. Mais uma vez percebemos na obra a associação entre arte, política e, principalmente, poder, que se tornaram indissociáveis na sociedade contemporânea. É essa exposição que retrata “o que há de mais monstruoso na sociedade, na violência, no conceito de cultura”. (XERXENESKY, 2009). E ainda assim é arte.

Bibliografia citada

AGAMBEN, Giorgio. *Estado de exceção*. São Paulo: Boitempo, 2004.

ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

BADIOU, Alain. *El siglo*. Trad. Horácio Pons. Buenos Aires: Manantial, 2005.

BOLAÑO, Roberto. *Estrella distante*. Barcelona: Anagrama, 1996.

_____. *La literatura nazi en América*. Barcelona: Anagrama, 2010.

FISCHER, María Luisa. “La memoria de las historias en *Estrella distante* de Roberto Bolaño”, in SOLDÁN, Edmundo Paz & PATRIAU, Gustavo Faverón (orgs.). *Bolaño Salvaje*. Barcelona: Candaya, 2008. p. 145-162.

ROSA, Susel Oliveira da. *A banalização da violência no contexto biopolítico do Estado de exceção*. MÉTIS: história & cultura – v. 5, n. 10, p. 217-234, jul./dez. 2006. Disponível em <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/>>. Acesso em 12 jul. 2011.

XERXENESKY, Antônio. *A figura do intelectual na obra de Roberto Bolaño*. Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009.